

PENSAR O CIENTISTA COMO UM “EXPERIMENTADOR POLÍTICO”? UMA LEITURA SOBRE A FIGURA DE GALILEU GALILEI COM BASE NOS TEXTOS DE BERTOLT BRECHT E PAUL FEYERABEND

Daniel Manzoni-de-Almeida¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo abrir uma reflexão sobre representação do cientista Galileu Galilei na obra literária “A vida de Galileu” (*Leben des Galilei*) de Bertolt Brecht e do Galileu da obra filosófica em o “Contra o método” de Paul Feyerabend, de como esses dois autores, em campos distintos de saberes, experimentam a figura de Galileu como um personagem-agente político. Minha hipótese constrói-se utilizando esses dois modelos de Galileu, literário e filosófico, para dialogar que o experimento é para além do trabalho técnico, manufaturado da construção dos conhecimentos nas ciências naturais, mas é um instrumento ideológico de mudanças minimamente pensadas com o objetivo de rupturas dos rumos políticos, ou seja, o instrumento de ação do cientista, também, na cena política. Em ambos textos, pode-se encontrar leituras, como um experimento literário-filosófico, do *corpus* “cientista-político” para uma discussão de um ator efetivo de dentro da ciência, sobre a responsabilidade política de mudança de realidades.

Palavras-chaves: Galileu Galilei. Filosofia & Literatura. Bertolt Brecht. Paul Feyerabend.

ABSTRACT: Here, the aim is to open a reflection on the representation of the scientist Galileo Galilei in the literary "The life of Galileo" (*Leben des Galilei*) by Bertolt Brecht and of Galileo's philosophical in Paul Feyerabend's "Against Method": how these two authors, in distinct fields of knowledge, experience Galileo as a character-political agent. My hypothesis is constructed using these two “models of Galileo”, literary and philosophical, to dialogue that the experiment is beyond the technical work, manufactured from the construction of knowledge in the natural sciences, but is an ideological instrument of changes minimally thought with the aim of ruptures of political directions, that is, the instrument of action of the scientist, also, in the political scene. In both texts, one can find readings, such as a literary-philosophical experiment, of the "scientist-political" *corpus* for a discussion of an effective actor within science, about political responsibility for changing realities.

Keywords: Galileo Galilei. Philosophy & Literature. Bertolt Brecht. Paul Feyerabend.

ro de 1564 e
 morto em 8 de janeiro de 1642), diante de todos os aspectos revolucionários que o cientista esteve envolvido, despertou a construção de várias facetas dessa personagem no campo literário e filosófico. Aqui trago duas dessas abordagens, completamente diferentes de Galileu: um escrito por Bertolt Brecht e outro escrito por Paul Feyerabend, que me ajudam a pensar sobre como se dá a instrumentalização política de um cientista para o debate público. Ambas as obras

¹ Doutorando em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, e-mail: danielmanzoni@gmail.com.

têm abordagens do Galileu distintas para objetivos diferentes. Abro a discussão para a construção da terceira proposta a partir da minha leitura e identificação de pontos comuns em ambas. O Galileu em Brecht é entendido como um retrato do personagem histórico como ponto de reflexão sobre a responsabilidade do cientista frente o poder do sistema conhecido e as consequências que esse poder se debruça sobre a sociedade (FITAS, 1998; ORTEGA, 2013). Em Feyerabend, a personagem histórica do Galileu é utilizada como fato argumentativo para sustentar sua principal tese do anarquismo epistêmico: a que todo cientista é uma anarquista (FEYERABEND, 1978; 1985). Porém, quando faço a aproximação de ambos os Galileus, e identifico alguns traços em comuns em ambos textos quanto a abordagem da personagem que ambos foram concebidos sob o sol de meados século XX², essas diferenças podem aglutinar o pensar sobre um cientista não apenas como um sujeito epistêmico puro, ou seja, um operário da produção de conhecimento, mas um sujeito político capaz de com o uso de sua técnica influenciar nas decisões políticas do seu tempo. Tal ponto de leitura me faz levantar questões como um cientista pode interferir politicamente na sua realidade? Qual o instrumento dessa ação política de um cientista? O que legitima a verdade trazida para a sociedade das mãos de um cientista que faz exercer seu poder ao ponto da construção de uma bomba nuclear, como no século XX, ou mudanças significativas nas relações entre e com os seres vivos no planeta com os adventos da clonagem e das manipulações genéticas? Minha hipótese de resposta está na capacidade de demonstração do cientista em concretizar suas ideias por meio da experimentação utilizando a tecnologia dos experimentos, ou seja, por demonstrações muitas vezes visuais a olho nu quase incontestáveis. De porte de tamanho poderio sobre a tecnologia, o cientista entra na rede do debate com um instrumento técnico, e claro político, poderoso que é o experimento: *uma tecnologia geradora de fatos concretos e confiáveis*. Na minha leitura, os textos de Brecht e Feyerabend sobre Galileu se aproximam justamente nesse ponto: na alegoria, de como a técnica experimental possibilita a participação política do cientista o transformando em um “experimentador político”: o Galileu de Brecht como uma personagem comum, um homem comum, cheio de necessidades, desejos e consciente do porte de um instrumental técnico em mãos que faz revoluções significativas, e o Galileu de Feyerabend como o construtor consciente e intencionalmente anarquista do instrumental experimental que irá solapar o mundo tomado pelo aristotelismo científico tendo como consequência a mudança

² Também não podemos esquecer que Paul Feyerabend foi assistente de teatro de Brecht por um período de 1 ano e que segundo o próprio filósofo, em sua autobiografia denominada de “Matando o tempo”, sua filosofia sofreu muita influência da lógica teatral, do espírito revolucionário teórico e prático do teatro épico brechtiano. Outro ponto interessante é na própria biografia de Brecht é o estudo de medicina no início da carreira, a incursão na vida científica e conviveu com a ciência que são claros em diversos pontos da vida de Brecht como relatado em seu diário

de um paradigma. Ou seja, em ambos os Galileus pode-se perceber a amalgama entre a ação política de um sujeito a sua ação epistêmica o que leva a pensar e questionar os limites do saber e ideologia. Identificando este epicentro do dilema galileano nos textos de Brecht e Feyerabend me cabe perguntar: o fazer o experimento científico é politicamente isento? Ao escolher entre fazer o experimento X ou Y pelo cientista é um ato politicamente neutro? Neste ensaio pretendo abrir essa discussão de como Brecht e Feyerabend, experimentando com a figura de Galileu, me faz ler o ato do cientista de fazer experimento como forma de ação política.

Começo pelo Galileu de Brecht em “A vida de Galileu” (*Leben des Galilei*) escrita entre 1938/39; 1943 e revista em 1954³. Bertold Brecht (1898-1956), nascido na Alemanha, foi um dos intelectuais mais importantes e frutíferos do século XX, com uma formação e produção múltipla. Passando da medicina às ciências humanas, teóricas e artísticas. Firmou seu nome, em maior expressão, como dramaturgo revolucionário das artes cênicas (no texto e na atuação dramática) dos últimos tempos. Sua dramaturgia e prática no teatro tem influências diretas do conceito de *práxis* marxista que leva a caracterização da sua formulação, o teatro épico. A proposta para uma nova escola teatral por Brecht é a síntese dessas influências que culminará em uma dramaturgia e na técnica de interpretação, com sua assinatura, tendo uma característica principal: a experimentação, ou seja, o teatro como um laboratório de experimentação sociológica, o lugar em que a criação e a recriação da realidade são possíveis como mecanismos de crítica e pensamento da sociedade (ESSLIN, 1959; EWEN, 1991; KOUDELA, 1992; 1996; ROSENFELD, 1995). Para Brecht, o teatro é um espaço para a profunda crítica da sociedade em que o público sai da posição do ‘efeito alienante’ da plateia e passa a ser uma audiência crítica (DUSEK, 1998).

Tomando essa rápida base como fio condutor, podemos olhar a imensa obra de teatral de Brecht como parte da tentativa de entender a realidade da sociedade ocidental em meio às guerras do século XX e uma sociedade sucumbida e submetida ao autoritarismo do nazismo. Sobre esse último ponto, Brecht é um dos intelectuais que vai debruçar-se na tentativa de fazer pensar o mundo ocidental, por meio do pensamento ligado a ação cênica, da autoridade distorcida no autoritarismo impregnado pelo nazismo na Europa (KOUDELA, 1992;1996; 2001). A peça “Vida de Galileu” é um dos textos centrais de Brecht, que reflete sobre o autoritarismo do aparelho de Estado, sendo considerado por muitos críticos como uma

³ Esse texto teatral apresenta 3 versões que foram mudadas e adaptadas por Brecht ao longo de mais de 20 anos. Martin Esslin, 1971, *Bertold Brecht*, Paris, Union Générale d’Editions (10-18)

“autobiografia”. Resumidamente, na peça de teatro a “Vida de Galileu”, contendo 15 atos e 48 personagens (terceira versão – edição e tradução de 1977), Brecht dramatiza questões da vida pública e privada, da obra de Galileu Galilei como um cientista e seus impactos como cientista/intelectual reais na sociedade em que vive. Brecht diante da história real de um cientista subversivo traz a essa peça um Galileu envolto em contradições do seu tempo e nas contradições do seu espaço privado. Entretanto, um homem rígido e não envergado a autoridade – da igreja e do Estado. Brecht toma essas ambiguidades da vida/obra de Galileu como uma metáfora para entender a real *práxis* de um cientista frente à sociedade, ao serviço do Estado e principalmente cientistas entregues, sucumbidos a autoridade deturpada nazista, a sociedade de seu tempo. Sobre isso, para Ortega e Costa (2012), “(...) Brecht vai além disso com sua obra, acaba por discutir a situação de vida de pesquisadores, a má remuneração, o problema à opressão do saber, tudo isso através de Galileu Galilei”. Portanto, o texto de Brecht trata da posição do dever e da ética de um pensador diante de uma situação limite: os limites do poder de um intelectual diante da realidade de uma sociedade. Brecht, ao contrário de trazer a retratação fiel de uma ‘personagem’ histórica, traz à tona uma ‘personagem’ com um questionamento ético do cientista diante da sua obra, mas um cientista diante da responsabilidade com o destino de uma sociedade. O autor traz na figura do pensador um clamor à resistência dos intelectuais e a importância do ato científico nas decisões políticas de um tempo. O ‘Galileu de Brecht’ é para além da figura da resistência histórica de suas convicções intelectuais, mas pode ser encarado como a força motriz na destituição da autoridade vigente e não o suporte, como Brecht denunciara dos pares intelectuais a má utilização da Ciência, vinda como esperança e ápice da racionalidade humana da modernidade, à serviço de um Estado autoritário.

Em “A vida de Galileu” é colocada principalmente a discussão do papel do intelectual na sociedade capitalista quando sua subsistência, seu trabalho, sua rotina está submetida as forças políticas do Estado. Como conseguir pensar com liberdade quando a necessidade da fome, da vestimenta, do sustento da família atropela os pensamentos e invadem o cotidiano do intelectual? Como pensar a revolução científica, o conhecimento de ponta, a intervenção direta na sociedade quando à porta batem os alunos para as aulas, que aumentam a cada dia, os cobradores (no caso do texto de Brecht o leiteiro que cobra a conta do básico, da alimentação) e são necessários para pagar as necessidades de sobrevivência sua e da família? Como forçar os limites do conhecimento da natureza, conhecimento básico do saber pelo saber do “eu preciso saber, eu preciso saber!” gritado em vários momentos por Galileu, sem entregar-se a engrenagem do capital ao fazer ciência apenas para aplicação e desenvolvimento de

instrumentos tecnológicos? E nesses momentos com dilemas de conflito agudo que o experimento pode tornar-se um instrumento poderoso de decisão positiva ou negativa na tomada de decisão de um cientista frente à realidade? A tomada de decisão pelo experimento X ou Y pode estar atrelada a necessidade pessoal (mobilize-se não apenas as necessidades biológicas ou básicas, mas as subjetivas e inerentes, por exemplo, reconhecimento e afeto), A ou B que podem digladiar no campo ético do cientista? No caso do Galileu de Brecht a necessidade de fazer o experimento bate em várias dessas necessidades o que nos faz espantar na construção de uma personagem ambígua migrando de um polo a outro de entre um sujeito ético e outro com distorções ética científicas sérias, por exemplo, fazer um experimento para construir um fato científico ou deturpar a autoria de um invento em prol de reconhecimento e dinheiro.

Neste último ponto há algo interessante trazido e agudizado por Brecht da biografia de Galileu no texto “A vida de Galileu” que me faz pensar a importância desse instrumento nas negociações de um cientista. O caso é o da luneta e que serve de uma exemplificação de como o experimento torna-se uma barganha social de ganho de espaço político. Brecht começa a peça trazendo uma das problemáticas centrais de Galileu: a sobrevivência financeira. No primeiro ato é mostrado que Galileu é um homem que vive endividado, com pouco dinheiro, está em busca de financiamento para continuar suas pesquisas e que seu salário como professor na universidade não é o suficiente para o estilo de vida que leva ou deseja. Para tanto é obrigado, volta e meia, a aceitar alunos particulares como complemento da renda, o que o impede de dedicar-se plenamente as pesquisas que vem desenvolvendo. Em um diálogo com um dos futuros alunos fica sabendo, inclusive de posse do próprio instrumento, da tecnologia desenvolvida em outros lugares da Europa do uso de lentes de aumento. No mesmo instante, Galileu pede a Andrea, filho da governanta, que compre lentes; faz adaptações melhorando a luneta, utilizada nas navegações como instrumento de guia para barcos, e a aponta para o céu dando-lhe um outro uso: o uso instrumental científico para observar o céu. Um instrumento, agora, capaz de fornecer dados concretos sobre uma natureza. De posse do seu “novo” invento experimental, Galileu o vende ao governo, como se fosse seu invento, para conseguir um aumento significativo de salário, o que logo é descoberto como não sendo invento original de Galileu, trazendo complicações políticas para o cientista. O caso da luneta é real na história de Galileu, porém como explorado por Brecht, o fato de Galileu forjar sua autoria de descobrimento, vender ao governo para obter um cargo e novo salário para continuar suas pesquisas de astronomia básica é o interessante aqui neste contexto, pois traz à tona a capitalização do experimento, exprimindo ainda mais, do saber no campo da barganha política.

De um lado o próprio ato histórico de Galileu em capitalizar um invento que marca o papel da recém ciência na modernidade, de outro a vascularização de Brecht sobre a situação do poder do instrumento tecnológico, um experimento, para convencimento e interferência na realidade política. E ele interfere, pois graças ao reuso da luneta, apontando ao céu para ver e investigar as estrelas, que ela passa a ser considerada não apenas um instrumento técnico de navegação, mas também um instrumento experimental científico. O que faz pensar se diante de apenas uma ideia não demonstrada teria aquele cientista tamanho força de barganha no jogo de interesses políticos? Brecht, por meio do seu Galileu, me faz pensar que a decisão de experimentar, por meio da tecnologia do experimento, do cientista passa por sua decisão interna de mudança ou não mudança de uma realidade.

Esta conclusão me leva a ver o Galileu proposto por Paul Feyerabend como sustentáculo da sua tese de uma filosofia da ciência múltipla e anárquica, como uma função aceleradora dessa ideia do experimento ser um ato político interno do cientista. Em Feyerabend a pintura de Galileu, quanto a esse contexto, é mais incisiva. Na obra feyerabendiana, o Galileu mobilizado pelo autor é o Galileu histórico, mas não se pode descartar a leitura da intenção do filósofo em transformação da figura histórica em “heroica” para sustentação de sua tese ou em Brecht o “anti-herói” para a sua. Para Feyerabend, Galileu só faz a revolução científica porque não obedeceu a nenhuma regra científica de então e introduziu a tecnologia do experimento no centro do debate. Paul Feyerabend (1924-1994) é um dos principais pensadores da ciência no século XX. Contra toda arquitetura do pensamento sobre a ciência no início do século XX e sua principal obra é o livro “Contra o método” (1975 – tradução para o português em 1977) que o autor, reunindo suas principais ideias, propõe o anarquismo epistemológico. Para Feyerabend o cientista pode ser considerado como um anarquista, não um anarquista no termo político puro, mas um anarquista epistêmico, ou seja, por meio do conceito de anarquismo emprestado da filosofia política para a filosofia das ciências ele defende que não existe um método único que o cientista possa seguir para construção do conhecimento, para ele, todas as possibilidades de caminho são possíveis, o pluralismo dos saberes que vão desde os não considerados científicos (empirismo popular e até magia) à conhecimentos científicos de campos dos saberes distintos, e assim o que faz emergir a sua premissa máxima do “tudo vale”, ou seja, todos os caminhos são válidos para a construção do saber. Para defender essa tese polêmica, Feyerabend recorre a história de Galileu e o coloca como o primeiro cientista que vive o anarquismo epistêmico, ou seja, ao realizar experimentos nas análises científicas propôs também uma mudança epistemológica na sua própria forma de fazer ciência o que o fez provocar toda a reação contrária do poder, então vigente, ao ponto de condena-lo e na abjuração diante da

inquisição. Indo por essa leitura de Feyerabend trazendo Galileu como um anarquista empunhando a “bomba-experimento” para destruir, com comprovações concretas e cabais, a estrutura do poder vigente, faz pensar a opção por esse caminho como arbitrária com seu desejo político, pois a saída desse elemento é o vazio da abjuração diante do processo de inquisição, ou seja, a ausência de uma mudança significativa no modo de ver o conhecimento e seu processo de construção

Esta ideia pode, ainda, ser articulada com a própria história biográfica de Galileu. Galileu Galilei nasceu em um ambiente familiar culturalmente multifacetado, entre a música e o artesanato, e que aprendeu logo cedo o que é a necessidade da subsistência pelo trabalho e ligação pela cultura: cresce em um ambiente familiar rico em música, pelo gosto musical apurado e erudito do seu pai Vincenzo Galilei, estuda medicina na Universidade de Pisa a princípio pois era uma profissão promissora financeiramente e a crescente necessidade de dinheiro da família e do próprio Galileu, mas logo se engaja, formalmente na matemática com Ostilli Ricci (discípulo de Nicolo Tartaglia) como sua verdadeira identificação e gosto e vai viver em Florença vivendo de aulas particulares. Também escreve ensaios literários e poesia (o que é bem menos conhecido de autoria do pisano). No campo científico seu interesse, então, volta-se a pesquisa em astronomia e a matemática, embasadas na filosofia aristotélicas. Ainda no campo científico traz uma nova perspectiva, contrariando a vida contemplativa aristotélica, trazendo para *vida activa*, a união entre ciência e técnica como uma pré-História da tecnologia, onde a teoria é envergada à prática de tal maneira que deriva um instrumento tecnológico à disposição do uso no cotidiano vulgar. É em seu ateliê que nascem diversos desses instrumentos artesanais, alguns utilizados até em escalas e dimensões maiores, e são utilizados nos afazeres cotidianos. Outro ponto nascente da genialidade galileana é o desenvolvimento de experimentos, ou seja, a inserção de “técnicas” controladas para mimetizar ou descrever a realidade, e esse é meu grande centro de interesse aqui. Contra a cultura aristotélica de explicação da realidade, Galileu olha para o real e busca “experimentar” essa realidade mimetizando a realidade a condições tão particulares, artesanais para obter respostas do meio natural. Para Galileu o experimento passa a ser o principal instrumento tecnológico não mais para observar a particularidade de um instante descritível, mas uma espécie de pequenos universos, em pequenas “caixas”, que utiliza para descrever o natural pela junção entre o observável e a matemática, corroborando com a tese em mesma época cartesiana. Este fato, o uso de experimentos na ciência, é tão revolucionário que culminará com a abjuração diante da inquisição. Desta forma, para o cientista pisano o real, a natureza e seus fenômenos não são mais como uma obra fixa e imutável aristotélica, mas passa a ser apreensível e reproduzível

pelas cadeias numéricas organizadas do experimento. Um dos experimentos mais famosos de Galileu é o da torre de Pisa em que do topo da torre observa-se a queda de objetos e cálculos de velocidade, aceleração (até hoje utilizados na física mecânica clássica) são reprodutíveis e utilizados (GEYMONAT, 1984; REDONDI, 1991; WHITE, 2009).

É interessante notar que o movimento de Galileu em propor dentro da experiência o experimento, ou seja, a técnica de aprender e reproduzir a experiência com o real, não abre apenas um caminho técnico-científico, mas a possibilidade concreta de interferência no curso das “coisas” estabelecidas. Agora, os cientistas modernos em meio ao crescente desenvolvimento da era moderna trabalham com a possibilidade do palpável do real, as características antes descritas e apreendidas da interação direta do sujeito com o objeto, agora passam a serem vistas como concretas, pela associação entre os números e os fatos. O experimento introduzido por Galileu traz um instrumento artesanal contra a realidade estabelecida. É como se a partir do cientista experimentador o vento que sopra no rosto, incapaz de ser tocado e ser aprendido, agora passasse a ser segurado pelas mãos e mostrado diante dos olhos com toda a sua propriedade. O que antes poderia ser sucumbido à autoridade de quem estava dizendo, com a prática experimental introduzida por Galileu a autoridade é descentralizada para a autoridade dos fatos, ou seja, a proposta do experimento para prova de um fenômeno natural é o miolo do processo revolucionário instalado por Galileu. Ao realizar o experimento, matematizar a realidade, trouxe fatos incontestáveis sobre a natureza, dessa forma, devastando o “incontestável” estabelecido, mudando ordens, possibilidades e percursos até mesmo da política vigente: a verdade da igreja, autoridade até então. A revolução científica inaugurada por Copérnico só tomou as proporções nas mãos de Galileu pelo experimento proposto pelo cientista. Copérnico, até então, por meio da teoria havia apenas levantado a descentralização da Terra do universo, foi por meio do experimento matemático de Galileu, que uma das maiores revoluções da ciência foi realizada. O que quero colocar é que foi a partir de Galileu e de sua proposta técnica do experimento que podemos pensar, que assim como um poeta tem a pena como tecnologia (e não se entenda a trazida dessa palavra ‘tecnologia’ como tentativa de técnica ao poético, mas no sentido de enfrentamento de desbravar um processo criativo), o cientista tem o experimento como ferramenta, até mesmo na expressão política, de mudança da cultura vigente. A ideia para o cientista é importante, mas no mundo contemporâneo, o mundo da verificação e da comprovação cabal, é pelo experimento concreto realidade em laboratório que um cientista pode propor uma mudança de curso. Isso esbarra obviamente em uma atenção para tal instrumento que abre caminho e do poder da autoridade um cientista diante da sua reflexão sobre o mundo: não há verdades respeitadas no mundo

científico que não passem pela comprovação experimental. Por outro lado, a existência por si só do experimento não lhe confere autoridade, mas a responsabilidade diante dos aromas que exalam dessa técnica que podemos traduzir como conhecimento válido, ou seja, o experimento é o instrumento da comprovação e legitimação de autoridade. O experimento é dependente do cientista, assim como o cientista depende do experimento para estar no campo da cultura, o que se extrai e dissemina dele é de responsabilidade do cientista. A filosofia, discute pontos importantes sobre a condição humana do cientista diante da sua responsabilidade com o real e a com a sociedade como levantado por Herbert Marcuse no pós-guerra, pós desastre das bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki, sintetizado em a “Responsabilidade da Ciência” de 1967. Qual a consequência de um simples experimento de um cientista, fechado em um mundo do laboratório, nas ordens das “coisas” no plano da política do mundo? Marcuse é o primeiro a identificar isso, por outra via, que experimento feito pelo cientista emana responsabilidade que o cientista tem o dever de lidar diante do social e da política no real. Essa identificação de Marcuse nos faz refletir que o ato experimental do cientista esparrama para além da construção da linguagem verificacional do dizer sobre o real, mas consequências políticas e sociais interessantes o que o filósofo expressa na “neutralidade da ciência” ou “neutralidade científica”. Na base da filosofia negativa, Marcuse rechaça que a ciência seja neutra, defende que não existe a ciência asséptica, mas que ela está “contaminada” pela ideologia ou de direita ou de esquerda que estilham o afastamento das decisões científicas para o campo do “neutro” e, sempre, pedem para um lado ou para o outro no exemplo esquemático político proposto por Marcuse. O filósofo ainda nos lembra do atrelamento, na contemporaneidade, da ciência ligada ao Estado e trabalhando a favor do Estado, desta forma, o pêndulo político das políticas públicas da ciência estará sempre a favor dos ventos do peso da dialética do momento. Claro que Marcuse não fala dessa forma sozinho. Thomas Khun, em a “Estrutura das revoluções científicas” (1977) já havia soprado a participação da História e do contexto histórico-social no contaminante da ciência. Porém, o que Marcuse faz é agudizar o espelho sujeito-História no contexto da ciência, a impregnação da política no terreno científico. Isso traz, ainda para Marcuse, que não é a ciência a ser “demonizada”, visto que é apenas a grande instituição, mas a responsabilidade de quem opera essa instituição, ou seja, o cientista.

Diante dessa reflexão nos dá a pensar hipoteticamente: se os cientistas de meados do século XX, as portas das grandes guerras mundiais, mesmo tendo a vaga ideia do potencial destruidor da bomba atômica poderiam ter abdicado do experimento para provar sua potência nuclear? Ou a demonstração experimental da tamanha potência da bomba foi uma escolha política na pressão das necessidades individuais? Tais necessidades individuais justificariam o

experimento nuclear? Ou o experimento nuclear teria sido feito mesmo para uma experiência coletiva ambiciosa de marca histórica, social e política do instante da Ciência do século XX? Espremendo ainda mais essa questão, a conclusão de que sim, a materialidade da ação do cientista, está expressa no experimento que se realiza; é por meio dessa materialidade que “fatos” ou “dados” são desenhados para sustentar conclusões, ou seja, sentenças verificáveis. Afinal, na linguagem e estilo literário científico, a argumentação lógica é baseada na concretude de fatos apresentados e tais fatos incorporam conclusões que na berlinda das decisões podem ou não ser consideradas para tomadas de decisões – com ideologias, talvez?

O “terceiro Galileu” que aqui proponho, um híbrido entre o Galileu de Brecht e o Galileu de Feyerabend, um cientista assumidamente político que usa os resultados do experimento a favor da política e do movimento da sociedade. A Ciência como articuladora do capital. O cientista como peça fundamental do lucro do capital com sua força de trabalho como de qualquer outro trabalhador. O entre o desafio do livre pensar e o “destino” do livre mercado. O articular do progresso do saber, mas escravizado na doação do seu livre pensar ao lucro. Então, experimentar ou não experimentar? Demonstrar ou não demonstrar as forças da natureza? Construir saber ou não? Entregar o livre pensar pelo pão e o leite? Um “dilema” de Galileu, ei-lo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRECHT, Bertolt. A vida de Galileu. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1977.
- DUSEK, V. Brecht and Lukács as teachers of Feyerabend and Lakatos: the FeyerabendLakatos debate as scientific recapitulation of the Brecht-Lukács debate. *History of the Human Science*, v.11, n. 25, 1998.
- ESSLIN, M. Brecht: dos males, o menor. Um estudo crítico do homem, suas obras e suas opiniões. Tradução: Barbara Heliodora [1979]. Zahar Editores, 1959.
- EWEN, F. Bertold Brecht: sua vida, sua arte, seu tempo. São Paulo: Globo, 1991.
- FEYERABEND, P. Contra o método. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977.
- FEYERANBEND, P. *Science in a Free Society*. London: NLB, 1978.
- FITAS, A. J. Brecht, Galileu e os Físicos. In: Colóquio Internacional Bertold Brecht, Évora, Adágio, 1998. p. 181-189.
- GEYMONAT, L. Galileo Galilei. Torino: Einaudi, 1984.
- KOUDELA, I. D. Brecht na pós-modernidade. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KOUDELA, I. D. Texto e jogo. São Paulo: Perspectiva, 1996.

KOUDELA, I. D. Um vôo brechtiano. São Paulo: Perspectiva, 1992.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

MARCUSE, H. The responsibility of science. In: KRIEGER, L. & STERN, F. (Org.). *The responsibility of power: historical essays in honor of Hajo Holborn*. New York: Doubleday, 1967. p. 439-44.

ORTEGA, R. P. Representações do papel do intelectual: uma análise de “A vida de Galileu” de Bertold Brecht. XVII Simpósio Nacional de História, 2013.

REDONDI, P. Galileu Herético, Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

ROSENFELD, A. O teatro épico. São Paulo: Perspectiva, 1995 (Debate).

WHITE, M. Galileu Anticristo – Uma Biografia, Record, Rio de Janeiro, 2009.